

A Elipse Como Elemento Promotor Da Interdependência Semântica

ELIPSIS AS AN ELEMENT THAT PROMOTES SEMANTIC INTERDEPENDENCE

Makeli **ALDROVANDI**¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo aproximar as teorias da Linguística Textual e da Argumentação na Língua, mostrando como pontos convergentes entre elas 1) a noção de relação entre segmentos como constituinte do sentido e 2) o cotexto, ou contexto linguístico, como o lugar em que as relações relevantes acontecem. Para tal, abordaremos os principais conceitos das duas teorias, tais como texto, discurso, coesão – tendo como foco o fenômeno da elipse - e bloco semântico. Os conceitos serão aplicados em um texto/discurso, permitindo, dessa forma, que se observe como uma teoria pode contribuir com a outra.

Palavras-chave: Elipse. Relação. Cotexto. Coesão. Bloco semântico.

Abstract: This article has as its goal to approximate the theories of Textual Linguistics and Argumentation within Language, showing as their converging points 1) the notion of relation between segments as constituent of sense and 2) the co-text, or linguistic context, as the place where relevant relations occur. Therefore, we will approach the main concepts of both theories, such as text, discourse, cohesion – having as the focus the phenomenon of ellipsis – and semantic blocks. The concepts will be applied to a text/discourse, allowing, then, to be observed how one theory may contribute to the other.

Keywords: Elipsis. Relation. Cotext. Cohesion. Semantic block.

Introdução

Inúmeras são as teorias que têm a linguagem como seu objeto. A existência de tantas teorias é justificável, porque a linguagem é um fenômeno extremamente abrangente, que não poderia ser completa e satisfatoriamente abordado por uma única teoria. São muitos os objetos a serem estudados e analisados. Saussure (2004, p. 25) já dizia que é o ponto de vista que cria o objeto na Linguística. Ele afirma que: “Quem se coloca diante do objeto complexo que é a linguagem, para fazer seu estudo, abordará necessariamente esse objeto por tal ou tal lado, que jamais será toda a linguagem”.

Algumas abordagens divergem em todos os aspectos, enquanto outras apresentam alguns pontos de convergência. Este último é o caso da Linguística Textual e da Teoria da

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Área de concentração: Linguística. Endereço eletrônico: makeli.aldrovandi@gmail.com.

Argumentação na Língua (de agora em diante ANL). As teorias divergem quanto ao seu caráter: a Linguística Textual tem caráter descritivo, isto é, ela descreve os processos que ocorrem na superfície do texto e a maneira como tais processos promovem a construção do sentido. Por sua vez, a ANL é de caráter explicativo. Isso significa dizer que ela explica como o sentido é construído, partindo do discurso e buscando a explicação no sistema da língua. Contudo, a Linguística Textual e a ANL apresentam pontos de convergência. Ambas as teorias se ocupam das relações entre os elementos que compõem o texto – para a Linguística Textual- e o discurso – para a ANL, e veem essas relações como construtoras do sentido.

A Linguística Textual se ocupa das relações entre os elementos intertextuais e como essas relações ajudam a construir o sentido do texto dentro do próprio texto. Este é um dos pontos de convergência entre as teorias: tanto a Linguística Textual quanto a ANL não se ocupam do que é externo ao texto/discurso. Tudo o que é relevante para seus estudos acontece internamente. O outro ponto é: a relação entre os elementos que constroem o sentido: esse é o conceito chave da ANL. A ANL focaliza seu trabalho no estudo das relações entre segmentos, promovidas por conectores, e como essas relações constituem o sentido de um enunciado, dentro do contexto linguístico.

Isto é, para ambas, o sentido não existe a partir de elementos isolados. Ele é construído a partir de relações. Neste artigo, serão abordados os principais conceitos de ambas as teorias; será feita uma aproximação entre elas, e uma análise de um texto/discurso que aplicará alguns conceitos.

O elemento escolhido é o fenômeno textual conhecido por elipse. Elipse é o apagamento de uma entidade que poderia estar presente, mas que, quando apagada, pode ser apreendida pelo cotexto, ou seja, o contexto linguístico. A ANL concebe os conectores *DC* e *PT*² como elementos abstratos que podem ser materializados em articuladores (*mas, portanto, porém, etc.*), ou que podem estar implícitos, sendo apreendidos pela relação entre os segmentos de um enunciado. Esse seria um caso de elipse do articulador. Os articuladores elipsados são nosso foco de análise do texto/discurso.

É importante ressaltar que se tratam de elementos de natureza diferente: os articuladores são elementos gramaticais e os encadeamentos formados a partir da união de dois segmentos por um conector são elementos de ordem semântica. O que será comparado, de fato, é sua função de

² Para a Teoria da Argumentação na Língua, *argumentar* não é a atividade retórica de fazer com que alguém acredite em algo. Argumentar é ligar um segmento A de um enunciado a um segmento B por meio dos conectores abstratos DC (do francês *donc* - portanto) ou PT (do francês *pourtant* – no entanto). Isto significar, argumentar é expressar sentido através de encadeamentos argumentativos (Ducrot:2009).

unir as entidades presentes no texto/discurso, em uma relação de dependência, sem a qual o sentido não está completo.

Fundamentação teórica

O que é a Linguística textual?

A Linguística Textual é uma área de estudos do texto que teve origem na Europa na década de 1960. Ela surgiu com o objetivo de analisar os textos sob uma perspectiva diferente: não mais como um conjunto de frases somadas, mas como um todo com um único sentido. Fávero e Koch (2012) sugerem que a Linguística Textual foi desenvolvida pelos linguistas da época porque eles consideravam que a Gramática da frase não conseguia abordar os fenômenos que ocorriam entre os elementos internos ao texto, por exemplo, a relação entre as frases e os parágrafos.

Sobre o objeto de estudo da Linguística Textual, Koch diz:

A Linguística Textual toma, pois, como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é mais do que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa. (KOCH, 2012, p. 11)

Isso significa que o texto constitui uma unidade semântica, ou seja, ele é uma entidade por si mesmo, não um conjunto de outras entidades independentes. Quando se diz que a diferença entre texto e frase não é quantitativa, isso significa que não é o número de elementos que determina o que é um texto ou uma frase, nem sua extensão, mas suas características. Na próxima seção será conceituado o texto de acordo com a Linguística Textual.

O que é texto para a Linguística Textual?

A entidade texto, como mencionado acima, é mais do que a junção de frases. Para que seja considerado texto, é preciso que seja constituída uma unidade. As características necessárias para que uma entidade seja concebida como um texto entram no conceito de *textualidade*. Adam

(2011, p. 25) concebe textualidade como “um conjunto de operações que levam um sujeito a considerar, na produção e/ou leitura/audição, que uma sucessão de enunciados forma um todo significativo”.

Fávero e Koch (2012) apresentam o conceito de *texto* sob dois pontos de vista: o *estrito* e o *lato*. Isto é, no sentido *lato* texto é qualquer manifestação humana com o objetivo de comunicar. No sentido *estrito*, texto é qualquer manifestação verbal humana, seja ela falada ou escrita, que construa um todo significativo:

O discurso é manifestado, linguisticamente, por meio de textos (em sentido *estrito*). Neste sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela *tessitura* do texto – os critérios ou padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência. (FÁVERO & KOCH, 2012, p. 34)

Iremos nos ocupar, neste trabalho, do *texto* no seu sentido *estrito*. Fávero & Koch mencionam coesão e coerência como critérios importantes na construção da tessitura, ou seja, da textualidade do texto. Coesão textual é “o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos” (KOCH, 2012B, p. 45). Ou seja, é a coesão textual que faz com que as entidades presentes no texto – palavras, frases e parágrafos - se liguem para formar um único sentido.

Koch (2012A, p. 31 *et seq.*) cita alguns dos principais elementos de coesão: artigos (definidos ou indefinidos), pronomes adjetivos e substantivos, (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos), numerais (ordinais e cardinais), pronomes de 3ª pessoa, elipse, advérbios pronominais, expressões ou grupos nominais definidos, nominalizações, expressões sinônimas e hiperônimos. No presente artigo, nos deteremos apenas no fenômeno da elipse, e não nos demais elementos de coesão por ela citados.

O que é elipse?

A elipse é um elemento coesivo que implica no apagamento de um elemento que pode ser facilmente recuperado pelo contexto linguístico. Bechara (2005, p. 592) aponta a elipse como uma *figura de sintaxe*, e a descreve como a omissão de um termo em um lugar em que geralmente apareceria, mas que pode ser apreendido pela situação ou contexto (linguístico).

Adam (2011, p. 172) explica a existência da elipse como sendo permitida pela linguagem: “A incompletude é a regra do discurso, em virtude de uma lei da economia da linguagem que permite não dizer tudo e implicitar o que o auditor ou o leitor pode reconstruir”.

Bechara (2005, p. 592 *et seq.*) dá alguns exemplos de elipse (As elipses serão marcadas por “ φ ”). Ela pode ocorrer na preposição:

a. As visitas, φ pés sujos, entraram no salão.

preposição antes de conectivo:

b. Estou necessitado φ que venhas aqui.

no termo integrante:

c. Espero φ sejam felizes.

no objeto direto:

d. Você recebeu o convite? Recebi φ .

entre outros.

A Teoria da Argumentação na Língua (ANL)

Os elementos coesivos promovem a relação semântica entre as entidades linguísticas dentro do texto. Relação é um conceito fundamental para a ANL.

Oswald Ducrot é o criador da Teoria da Argumentação na Língua. Ele filia seu trabalho às ideias de Ferdinand de Saussure. Saussure foi o primeiro a pensar a língua como um sistema de relações. Para o linguista, os elementos da língua estão interligados e só existem em relação aos outros. Ele explicou a importância das relações no interior da língua usando a metáfora do jogo de xadrez. Segundo Saussure:

Assim como no jogo de xadrez, seria absurdo perguntar o que seria uma dama, um peão, um bispo ou um cavalo, considerados fora do jogo de xadrez, assim também não tem sentido, quando se considera verdadeiramente a *língua*, buscar o que é cada elemento por si mesmo. Ele nada é além de uma peça que vale por oposição às outras, segundo certas convenções. (SAUSSURE, 2004, p. 30)

É a partir das relações que surge o *valor linguístico*. O valor é um elemento de significação. Na *Nota sobre o discurso*, nos Escritos de Linguística Geral, Saussure (2004, p. 237) deixa claro que “A língua realiza apenas conceitos isolados que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação de pensamento”. Isso significa que o sentido de um elemento é constituído pela

união com os demais elementos que o cercam. O valor de um elemento consiste em ser o que ele é, em oposição ao que os outros são, ou seja, ser o que os outros não são.

Para a ANL, as entidades linguísticas só têm sentido completo na relação. Essa relação se dá no discurso. Há basicamente dois tipos de relação para a ANL: uma que é a *possibilidade* de construção de um encadeamento argumentativo³, pela orientação presente na significação das palavras; e outra no próprio encadeamento, quando as palavras se relacionam e formam um sentido.

Neste momento, faz-se necessária a apresentação de alguns conceitos fundamentais para a Teoria da Argumentação na Língua. Além da relação, outra ideia que é o cerne da ANL é a de *argumentação*. Argumentar é a essência da língua. Porém, para essa teoria, argumentação é diferente da *argumentação retórica*. Argumentação retórica é a ação de persuadir o interlocutor a agir ou pensar da forma como queremos. A *argumentação linguística*, objeto de estudo da ANL, consiste em ligar um segmento A a um segmento B utilizando um conector, que pode ser ou DC (do francês *donc* - portanto) ou PT (do francês *pourtant* – no entanto).

É importante, também, ressaltar que, para Ducrot, *significação* e *sentido* são diferentes. Significação é o “conjunto de instruções” (DUCROT, 1984, p. 374) que a frase contém, ou seja, a significação está inscrita na própria língua. Essas instruções permitem que o enunciado originado por essa frase seja compreendido. São as possibilidades de *sentido*. O *sentido* existe somente no uso: no enunciado ou no discurso. É a realização da abstração; ele vem da relação entre os elementos do enunciado.

Um enunciado ganha existência através de um *locutor*. Locutor é o sujeito responsável pelo enunciado, isto é, não o sujeito empírico do mundo real, mas aquele do discurso. Um mesmo locutor pode dar voz a vários *enunciadores*. Cada enunciador é um ponto de vista presente no enunciado. O ponto de vista pode ser aceito ou refutado pelo locutor.

A partir de 1992, Oswald Ducrot se une a Marion Carel e, juntos, começam a desenvolver a Teoria dos Blocos Semânticos, que é a fase atual da ANL.

Um bloco semântico é o sentido constituído a partir da união de dois segmentos por um conector. Nessa fase da ANL, o conceito essencial é o de *interdependência semântica*. Os autores explicam a interdependência semântica dizendo “cada um dos segmentos encadeados somente adquire seu sentido em relação com o outro⁴” (CAREL & DUCROT, 2005, p. 16).

³ Encadeamento argumentativo: sequência de dois segmentos de discurso, com interdependência de sentido, ligados por um conector. (FLORES et.al., 2009, p. 97)

⁴ Tradução minha

Existem dois tipos de encadeamentos argumentativos: os *normativos* e os *transgressivos*. Os encadeamentos normativos são os ligados por DC (portanto), e os transgressivos são os ligados por PT (no entanto). Ser normativo ou transgressivo não significa ser norma ou transgressão na realidade, mas ser norma na língua. Trata-se apenas do construto teórico.

Os conectores DC e PT são elementos abstratos. Eles podem ser concretizados por meio de articuladores como, por exemplo: *mas, porém, contudo, todavia, então, por isso, pois, consequentemente*, entre outros.

Os linguistas nos apresentam exemplos de encadeamentos normativos e transgressivos. São eles, respectivamente:

Pedro é prudente, então não sofrerá acidentes.

Pedro é prudente, porém sofreu alguns acidentes⁵.

O texto para a ANL

Para Ducrot, a língua tem dois níveis: o elementar e o complexo. *Frase e enunciado* estão no nível elementar: são entidades simples. Para o linguista, um texto é uma sequência de frases. No nível complexo, o nível do uso da língua, temos o *texto* e o *discurso*. Um discurso é uma sequência de enunciados *interligados*.

Análise

Como mencionado anteriormente, a ANL concebe os conectores como entidades abstratas, as quais podem tanto ser concretizadas por meio de articuladores, ou estar implícitas na relação entre as entidades. A elipse, de acordo com a Linguística Textual, é um elemento coesivo. Isto é, ela faz a ligação entre entidades dentro de um texto. Neste trabalho, propõe-se a análise dos articuladores que sofreram elipse no texto, isto é, na entidade abstrata, mas cujo sentido está presente na relação entre as entidades linguísticas - enunciados – presentes no discurso, isto é, no uso da língua.

É importante ressaltar que são vários os fenômenos que ocorrem no texto a ser analisado que promovem a coesão textual, mas eles não são o foco deste estudo.

Para a Linguística Textual, a unidade a ser analisada chama-se *texto*, para a Teoria da Argumentação na Língua, trata-se de um *discurso*, por ser a língua em uso.

⁵ Idem

O texto a ser analisado é **A classe média vai ao inferno**, de Ruth de Aquino, publicado no *site* da revista Época, em 25 de outubro de 2013. Para análise, foram extraídos trechos do texto e feitos encadeamentos argumentativos a partir deles. As elipses dos conectores estão marcadas pelo símbolo “ φ ”.

Trecho 1: *Era uma vez o sonho de morar na grande cidade. Φ O paraíso das oportunidades, do emprego bem remunerado, do hospital equipado e do acesso mais amplo aos serviços públicos. O centro do lazer cultural e do bem-estar. A promessa da mobilidade social e funcional.*

A grande cidade oferece oportunidades, empregos bem remunerados, hospitais equipados, mais acesso a serviços públicos, cultura e lazer DC⁶ é um sonho morar em grandes cidades.

O bloco semântico presente neste trecho pode ser assim descrito: Os benefícios de morar na cidade grande fazem dela um sonho. O primeiro segmento do enunciado aponta para uma continuidade positiva, uma vez que apresenta diversos benefícios oferecidos pela cidade grande. Essa orientação positiva é confirmada pela continuidade em DC, ou seja, mantem-se a norma. O bloco semântico é construído na relação entre os dois segmentos. Se o conector DC fosse trocado pelo conector PT⁷ teríamos outro sentido e, por consequência outro bloco semântico. A título de exemplo, poderíamos encontrar em outro discurso o seguinte encadeamento: A cidade grande oferece muitas vantagens, PT não quero morar lá. No discurso analisado, as vantagens são suficientes e orientam para o desejo de as pessoas fixarem residência nela. No exemplo criado, ainda há vantagens, porém elas não são tantas que façam com que o locutor deseje mudar-se para lá.

Trecho 2: *A metrópole virou megalópole e, hoje, São Paulo e Rio de Janeiro se tornaram ambientes hostis ao cidadão de qualquer classe social que precise se deslocar da casa para o trabalho. φ As “viagens” diárias dificultam conciliar família e profissão. Os serviços públicos são muito ruins. E o transporte coletivo – negligenciado por sucessivos governos como “coisa de pobre” – é indigno.*

Viajar diariamente dificulta conciliar família e profissão, os serviços públicos são ruins, o transporte coletivo é indigno DC a cidade grande se tornou um ambiente hostil.

O bloco semântico aqui apresentando é diferente do anterior, porque a cidade não é apenas grande, mas excessivamente grande. Dessa forma, as cidades muito grandes não oferecem

⁶ Portanto, do francês *donc*.

⁷ No entanto do francês *pourtant*

qualidade de vida e são hostis aos moradores. Vê-se como o uso do modalizador *demais* muda a orientação argumentativa da palavra *grande*. A cidade grande oferece benefícios, a cidade grande *demais* traz problemas.

Trecho 3: *Hoje, mais da metade da população (54%) tem algum carro. O Brasil privilegiou a indústria automobilística, facilitou a compra de veículos, e a classe média aumentou em tamanho e poder de consumo. Φ Todos acreditaram que chegariam ao paraíso.*

A classe média cresceu e seu poder aquisitivo também, a compra de veículos foi facilitada DC acreditou-se poder chegar ao paraíso.

O bloco semântico aqui expresso é: O aumento do poder aquisitivo permite às pessoas acreditarem que chegarão ao céu. Embora não haja um conector entre os dois segmentos do trecho, percebe-se, claramente, essa relação de dependência semântica entre eles: chegar ao paraíso, neste discurso, não refere-se ao paraíso religioso, mas ao paraíso de ter grande poder aquisitivo.

Trecho 4: *Todos acreditaram que chegariam ao paraíso. Φ Ficaram presos no congestionamento.*

Acreditou-se poder chegar ao paraíso PT ficaram presos no congestionamento

O bloco semântico aqui: Muitas pessoas querendo chegar ao mesmo lugar ficam presas em congestionamentos. Se no segmento anterior havia uma continuidade normativa, isto é, em DC, evidente na relação entre os segmentos mesmo sem a presença de um articulador, neste segmento há uma quebra da norma. A norma poderia ser representada pelo encadeamento: todos acreditaram que chegariam ao paraíso DC chegaram lá. O que o encadeamento nos mostra, contudo, é uma transgressão, marcada pelo conector PT.

Trecho 5: *Vivemos uma situação de guerrilha urbana diária, provocada pela falta crônica de planejamento e a ausência de investimentos públicos em serviços de qualidade. Governos sucessivos erraram nas prioridades e no modelo de desenvolvimento. Φ Somos o país da improvisação e precipitação.*

Não há planejamento e investimento DC há improvisação e precipitação.

O bloco semântico poderia ser: Falta de planejamento acarreta improvisação. Neste trecho, *improvisação* toma um sentido negativo, pois está ligada a *falta de planejamento* e a *precipitação*. Em outro discurso, *improvisação* poderia vir a ter um sentido positivo, por exemplo: o sucesso da banda foi cantado de improviso DC a plateia foi ao delírio. Aqui, *improviso* tem esse caráter positivo, pois foi um improviso que causou comoção na plateia.

Trecho 6: *Investir em transporte de massa, em trem e metrô, criar sistemas articulados e decretar o fim do império do automóvel particular é uma providência imediata”, afirma o urbanista Augusto Ivan, nascido em Minas e radicado no Rio. “Quando surgiu, o automóvel era chamado ‘carro de passeio’. Deveria voltar a ser apenas isso. Φ Só assim mudaremos o cenário pavoroso de congestionamento.*

Investir em transporte coletivo DC acabar com o congestionamento.

O bloco semântico poderia ser: O transporte público de qualidade diminui os congestionamentos. O locutor apresentou, ao longo de seu discurso, os problemas existentes na cidade grande. Neste trecho, ele apresenta uma solução: o transporte coletivo de qualidade. Como visto nos trechos anteriores, o excesso de carros nas ruas provoca problemas. Podemos representar esse sentido pelo encadeamento: muitos carros DC problemas, que se opõe ao encadeamento: transporte coletivo de qualidade DC fim dos problemas no trânsito.

Trecho 7: *O urbanista e vereador Nabil Bonduki (PT-SP) calcula que, para melhorar minimamente a circulação em São Paulo, “seria preciso retirar 25% dos carros das ruas”. ψ Não dá para fazer isso sem criar um transporte coletivo de qualidade.*

É preciso tirar carros das ruas DC deve-se criar um sistema de transporte coletivo de qualidade.

O bloco semântico deste trecho seria: As pessoas trocariam seus carros pelo transporte coletivo. Neste trecho, o locutor finaliza sua análise dos problemas da cidade grande reiterando a solução apresentada no trecho anterior: deve-se criar um sistema eficiente de transporte público. Neste trecho, um sistema de transporte eficiente não é aquele que atende às partes mais isoladas da cidade, mas aquele que fará com que as pessoas troquem seus carros por ônibus, trens, ou outros.

Conclusão

A Linguística Textual, segundo Fávero & Koch (2012, pag. 16) surgiu para preencher as lacunas que a gramática da frase deixava. Segundo as autoras, os fenômenos de correferência, pronominalização, concordância entre tempos verbais, e outros, só podiam ser explicados em um texto. Percebe-se o texto, então, como uma unidade de sentido se constitui através das relações entre seus segmentos. Um dos requisitos para que um texto seja avaliado como tal é a coesão. Coesão, como vimos, é a ligação entre os elementos da superfície do texto. A coesão pode se dar

de várias formas, entre elas a elipse. Elipse é o apagamento de um elemento cuja significação pode ser apreendida pelo cotexto, pela relação que as entidades textuais mantêm entre si.

Relação: esse é o ponto de convergência encontrado entre as duas teorias estudadas neste artigo: a ANL também concebe o sentido do enunciado/discurso como originada a partir das relações entre os segmentos que o compõem. Viu-se que, para a ANL, as relações formam encadeamentos e, dos encadeamentos, nascem os blocos semânticos: unidades semânticas compostas de dois segmentos unidos por um conector das quais se extrai um único sentido.

Há um conflito de terminologia entre as teorias aqui estudadas. Para a Linguística Textual, segundo Fávero & Koch, o texto é a manifestação do discurso, enquanto que para a ANL, o texto é abstrato, objeto de estudo gramatical, e o discurso é sua materialização. Contudo, esse conflito não impede a existência de convergências entre as teorias.

Após a análise, acreditamos que ambas as teorias podem contribuir uma com a outra e, principalmente, para uma maior compreensão de textos/discursos, pelo público leitor.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*; revisão técnica João Gomes da Silva Neto. – 2ª ed. Revista e aumentada – São Paulo: Cortez, 2011.
- AQUINO, Ruth de. *A classe média vai ao inferno*. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/ruth-de-aquino/noticia/2013/10/classe-media-bvai-ao-infernob.html>> Acesso 25/10/2013.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rev. e ampl. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La Semántica Argumentativa. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos*: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- DUCROT, Oswald. *Argumentação retórica e argumentação linguística*. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n.1, p. 20-25, jan./mar. 2009.
- _____. *Enunciação*. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingendore Grunfeld Villaça. *Linguística Textual: introdução* – 10.ed. – São Paulo: Cortez, 2012.
- FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene (organizadores). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KOCH, Ingendore Grunfeld Villaça. *A coesão textual* – 22. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012A.
- _____. *O texto e a construção dos sentidos* – 10. ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012B.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. Organizadores: Simon Bouquet e Rudolf Engler. Pensamento-Cultrix, 1ª edição, 2004.

Anexo

A classe média vai ao inferno

As metrópoles se tornaram ambientes hostis a qualquer um que precise se deslocar

Ruth de Aquino

25/10/2013 20h35

Era uma vez o sonho de morar na grande cidade. O paraíso das oportunidades, do emprego bem remunerado, do hospital equipado e do acesso mais amplo aos serviços públicos. O centro do lazer cultural e do bem-estar. A promessa da mobilidade social e funcional.

A metrópole virou megalópole e, hoje, São Paulo e Rio de Janeiro se tornaram ambientes hostis ao cidadão de qualquer classe social que precise se deslocar da casa para o trabalho. As “viagens” diárias dificultam conciliar família e profissão. Os serviços públicos são muito ruins. E o transporte coletivo – negligenciado por sucessivos governos como “coisa de pobre” – é indigno.

Hoje, mais da metade da população (54%) tem algum carro. O Brasil privilegiou a indústria automobilística, facilitou a compra de veículos, e a classe média aumentou em tamanho e poder de consumo. Todos acreditaram que chegariam ao paraíso. Ficaram presos no congestionamento.

Quem mais fica engarrafada nas ruas é a classe média, segundo o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). A pesquisa, com base em dados de 2012, revela que os muito pobres e os muito ricos gastam menos tempo no deslocamento casa-trabalho do que a classe média. Os ricos, porque podem morar perto do trabalho – sem contar os milionários e os governadores, que andam de helicóptero. Os muito pobres, sem dinheiro para a passagem, tendem a se restringir a trabalhar bem perto de onde moram ou acordam às 4 horas da manhã para evitar congestionamento. Como não se investiu em trem e metrô – muito menos em sistemas inteligentes de transporte –, estouramos os limites da civilidade. E que se lixem os impactos ambientais, a poluição e a rinite.

Nesse cenário, qualquer falha, incidente, obra, desastre ou atropelamento transforma o caos “normal” em catástrofe. Tombou a carreta? O ônibus atropelou o ciclista? O trem sofreu pane? O bueiro explodiu? O cano estourou? A linha de nosso reduzido metrô enguiçou? O asfalto cedeu? Os motoristas de ônibus pararam por melhores condições? Pronto, não se chega mais a lugar nenhum. Até os atalhos se tornam sucursais do inferno.

Hordas de passageiros brigam para entrar num vagão, derrubam idosos, não têm cuidado com as crianças e as grávidas. Alguns se transformam em Black Blocs sem máscaras e depredam. Motoristas se fecham e se xingam uns aos outros. Esse cotidiano penoso torna o cidadão ao lado um inimigo, um adversário. É preciso chegar à frente dele, roubar seu lugar.

Vivemos uma situação de guerrilha urbana diária, provocada pela falta crônica de planejamento e a ausência de investimentos públicos em serviços de qualidade. Governos sucessivos erraram nas prioridades e no modelo de desenvolvimento. Somos o país da improvisação e precipitação.

“Investir em transporte de massa, em trem e metrô, criar sistemas articulados e decretar o fim do império do automóvel particular é uma providência imediata”, afirma o urbanista Augusto Ivan, nascido em Minas e radicado no Rio. “Quando surgiu, o automóvel era chamado ‘carro de passeio’. Deveria voltar a ser apenas isso. Só assim mudaremos o cenário pavoroso de congestionamento. Precisamos taxar a circulação de carros em áreas mais conflagradas, a exemplo da Inglaterra, que estipulou uma ‘congestion charge’. É simples: ou paga para circular ou não entra.”

O urbanista e vereador Nabil Bonduki (PT-SP) calcula que, para melhorar minimamente a circulação em São Paulo, “seria preciso retirar 25% dos carros das ruas”. Não dá para fazer isso sem criar um transporte coletivo de qualidade. “Nem falo apenas de unidades de trens, metrô e ônibus. Mas de um sistema, que inclui até calçadas e iluminação, além de conexão. Um sistema que a população considere seguro e confortável.” A aglomeração excessiva em cidades segregadas, um fenômeno típico de Terceiro Mundo, obriga a longos deslocamentos. “Da porta para dentro de casa, a classe média melhorou muito de vida. Mas o espaço público não acompanhou a melhoria.”

As grandes cidades brasileiras deixaram de ser cidades há muito tempo, diz o urbanista Luiz Carlos Toledo. “Hoje são conglomerados metropolitanos com problemas estruturais. Nossas grandes cidades estão parando. A ponta do iceberg são os engarrafamentos, mas, como nas montanhas de gelo, o buraco está literalmente mais embaixo, onde passam os canos que nos abastecem de água, retiram o

esgoto das nossas casas e recebem as águas pluviais. Tudo isso, e não só a mobilidade, está indo para o buraco pela cegueira dos governantes, pela ganância dos especuladores e por todos nós, que acreditamos que existirá sempre um jeitinho para corrigir esses problemas, ou tempo para uma mudança de rumos.” É o que diz Toledo – e eu assino embaixo.

Recebido em 04/2014.

Aceito em 06/2014.